

Lugar onde a exceção desafia a regra

Fundada em 1963, Sociedade Cristã oferece assistência de qualidade a 60 crianças, mas não ajuda mais gente por falta de recursos

Beth Veloso
Da equipe do **Correio**

É um endereço para riqueza nenhum botar defeito. Um jardim enorme e gramado, com mangueiras abarrotadas de frutos amarelinhos. As casas, avarandadas, são pequenas mansões. Têm quatro quartos e três banheiros, fora dependência de empregada. *Play ground* e quadra poliesportiva fazem parte do complexo de lazer. Dá até para fazer *cooper* no meio do bosque, ao som de grilos, passarinhos e corujas. Mas o gostoso mesmo é andar de patins.

O paraíso no fica Setor de Áreas Isoladas Sul, bloco C, lote 29, Núcleo Bandeirante. E é habitado por 60 crianças. São os moradores da Sociedade Cristã Maria e Jesus Nosso Lar, ou, resumindo, apenas Nosso Lar. O abrigo é como uma exceção num mar de dificuldades financeiras por que passam as entidades que prestam assistência social no Distrito Federal.

Criado em 1973, ele recebe crianças com até três de idade encaminhadas pela Vara da Infância e Adolescência. Dali elas só saem criadas, educadas e prontas para enfrentar o mundo, aos 18 anos de idade. Coisa que não aconteceria se continuassem morando junto com os pais, em situação de pobreza e falta de estrutura familiar.

"Se eu não tivesse vindo para cá, não sei como estaria agora", diz André, 16 anos, abandonado pela família aos três de idade, quando chegou no Nosso Lar. A trajetória mais previsível para meninos nessa situação é tornar-se um filho da rua, onde se aprende pouco mais do que mendigar, roubar, vadiar ou se drogar.

Alto e saudável, André cursa a

8ª Série e trabalha como auxiliar de escritório no Setor Comercial Sul. "Não sinto falta dela", garante, referindo-se à mãe. Mesmo criança, já não sentia. Tanto que agarrou-se ao portão quando ela foi buscá-lo em definitivo, oito anos atrás. A birra venceu e ele está no Nosso Lar até hoje.

AMBIENTE BUCÓLICO

O ambiente bucólico e a infraestrutura de primeira ajudam a esquecer a falta que uma família convencional faz, mas as crianças encontram outras formas de carinho. Moram doze em uma das cinco casas, criadas por um casal, batizado de "social". "É uma família gigante", define Alexandre Barbosa da Silva, 21 anos. De raciocínio rápido e linear, ele é um homem de conceitos. "Isso aqui é um paraíso", rotula de novo.

Alexandre é o exemplo do sucesso do Nosso Lar. Chegou com menos de um ano de idade. Quando completou 18, a verdadeira família

"apareceu do nada". Foi morar com uma irmã mais velha. Não deu certo. Voltou para o abrigo logo depois. Hoje mora sozinho no Gama, é técnico em educação ambiental no Zoológico de Brasília e prepara-se para fazer vestibular para Veterinária, o grande sonho de sua vida.

Mas as conquistas não o fizeram cortar o cordão umbilical com o Nosso Lar, onde costuma voltar para passear. "A minha família é aqui", diz, botando um ponto final na revolta de não ter sido amado pelos pais, um "militar casado que teve uma aventura com a empregada dele".

Alexandre não esconde que tem orgulho de si próprio. "Me sinto privilegiado", diz, disposto a cons-

Adauto Cruz



Crianças da Sociedade Cristã Nosso Lar recebem assistência com atividades físicas e educativas. Menores ficam na instituição até atingir maioridade

truir um futuro diferente para si próprio. "É um exemplo para mim mesmo. Só vou ter um filho na hora que puder criar", planeja, com ar crítico. "Deveria ter mais orfanato, mas o governo não dá apoio."

PATROCÍNIO

Alexandre é, de fato, um privilegiado. É raro aparecer uma vaga no abrigo. O projeto de criação do Nosso Lar previa a construção de dez casas, o que ia dobrar de 60 para 120 o número de crianças. Mas, passado um quarto de década, a entidade ainda não conseguiu patrocínio pa-

ra erguer as cinco casas que faltam, apesar de desenvolver um trabalho reconhecido.

"Tentamos um empréstimo com o Banco do Brasil, mas não conseguimos", diz Walkyria Braga de Oliveira, diretora do Nosso Lar. Não aparecem recursos nem para reformar a lavanderia, pequena e ultrapassada.

Ultimamente, até as doações estão diminuindo. "Antes, nós chegávamos a distribuir as doações com outras instituições. Hoje não fazemos mais isso", diz Walkyria. Mas não é só de dinheiro e de alimento

que vive o abrigo. "Toda a sociedade pode e deve ajudar, sendo voluntária", afirma. O Nosso Lar tem psicólogo, fonoaudiólogo, dentista e pediatra que trabalham de graça, mas terá de bancar os serviços de um assistente social.

Nenhuma das dificuldades consegue, no entanto, comprometer a qualidade do atendimento. As crianças estudam. Também têm aulas de natação, balé ou judô. Levam uma vida de classe média. Várias foram adotadas ou voltaram para casa. Neste Natal, receberam dois enxovais cada uma, doados pelos mé-

diuns da Comunhão Espírita de Brasília, que mantém a entidade.

Se não fosse a Comunhão, os meninos não teriam o mesmo padrão de qualidade. Ela paga a folha de pagamento, que este mês ficou em R\$ 5.040. O convênio da Fundação de Serviço Social serve apenas para suprir a necessidade de remédios e alguns alimentos, como pães e carnes.

SERVIÇO

SOCIEDADE CRISTÃ MARIA E JESUS
NOSSO LAR

SAIS, bloco C, lote 29, Núcleo Bandeirante. Telefone: 552 1120/552 3144